

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA
Faculdade de Tecnologia de Jundiaí – “Deputado Ary Fossen”
Curso Superior de Tecnologia em Eventos

Luan Vitor Silva de Souza

**BIBLIODIVERSIDADE, PUBLICAÇÕES INDEPENDENTES E
EVENTOS: EXPERIÊNCIAS EM VÁRZEA PAULISTA E REGIÃO**

Jundiaí
2021

Luan Vitor Silva de Souza

**BIBLIODIVERSIDADE, PUBLICAÇÕES INDEPENDENTES E
EVENTOS: EXPERIÊNCIAS EM VÁRZEA PAULISTA E REGIÃO**

Trabalho de Graduação apresentado à Faculdade de Tecnologia de Jundiaí - “Deputado Ary Fossen” como requisito parcial para a obtenção do título de Tecnólogo em Eventos, sob a orientação do Professor Dr. Emerson Freire.

Jundiaí

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Emerson Freire por toda a paciência durante o processo de desenvolvimento deste trabalho. Não há palavras para agradecer as potências criativas viventes no Aglomerado Urbano de Jundiaí, aqui representadas por Bella Tozini, Paula Pimenta, Leso, Balaio e Casa Amarela Jundiaí. Também as potências que, indiretamente, trouxeram vida à pesquisa, grato Liga Brasileira de Editores, Lote42, Feira Plana e tantas outras, mas tantas, que seria necessário um livro inteiro dedicado a tais nomes. Sem esquecer de agradecer a Fatec Jundiaí.

Um país que precisa de mais pluralidade, de mais leitura, de mais consumo, de uma economia mais dinâmica e mais debates sem amarras; precisa de bibliodiversidade.

Raquel Menezes

SILVA DE SOUZA, Luan Vitor. (**Bibliodiversidade, Publicações Independentes e Eventos: Experiências em Várzea Paulista e Região**). 56 f. (55: número de páginas) Trabalho de Conclusão de Curso de Tecnólogo em Eventos. Faculdade de Tecnologia de Jundiaí - “Deputado Ary Fossen”. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Jundiaí. 2021.

RESUMO

A complexidade do cenário editorial e suas mutações em função dos dispositivos tecnológicos e dos grandes conglomerados de *marketplaces* atuais, têm sufocado e trazido desafios constantes para a bibliodiversidade e as publicações independentes. Portanto, este trabalho tem as seguintes indagações orientadoras: Quais as semelhanças e diferenças entre o cenário editorial convencional e independente? O que seria a bibliodiversidade? Eventos e editoras independentes garantem a bibliodiversidade? E mais, como questão de fundo, mas não menos importante, pode este conceito contribuir para o exercício da democracia? Assim, o presente trabalho tem como objetivo geral, a partir dessas questões, estudar a bibliodiversidade em sua relação com publicações independentes e a relevância dos eventos culturais nesse cenário, tendo o livro como centro do debate. Por meio de pesquisa bibliográfica, documental e empírica (relatos de experiência), objetiva-se mais especificamente compreender a relação do conceito de bibliodiversidade com o cenário editorial independente e eventos literários realizados em Várzea Paulista e região - o Aglomerado Urbano de Jundiaí. Ainda, enquanto objetivos específicos, serão discutidos alguns dos riscos que ameaçam a bibliodiversidade, mas também ações em sua defesa. Pretende-se desenvolver informações que tornem mais acessíveis ao público leitor os conceitos de bibliodiversidade, publicação editorial convencional e independente, também autopublicação. Os eventos, nessa discussão, aparecem como elementos imprescindíveis, pois promovem conexões e relações únicas, potencializando o ecoar de vozes plurais, fatos e fatores sociais que comumente encontram espaço principalmente em eventos bibliodiversos, majoritariamente independentes.

Palavras-chave: Bibliodiversidade. Publicação independente. Produção cultural. Eventos culturais. Feira de livros.

SILVA DE SOUZA, Luan Vitor. (**Bibliodiversity, Independent Publications and Events: Experiences in Várzea Paulista and Region**). 55 p. End-of-course paper in Technologist Degree in Events. Faculdade de Tecnologia de Jundiaí - “Deputado Ary Fossen”. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Jundiaí. 2021.

ABSTRACT

The complexity of the editorial scenario and its mutations due to technological devices and the large conglomerates of current markets, have suffocated and brought constant challenges to bibliodiversity and independent publications. Therefore, this work has the following questions: What are the similarities and differences between the conventional and independent editorial scenario? What would be bibliodiversity? Do independent publishers and events guarantee bibliodiversity? And more, as a basic but no less important question, can this concept contribute to the exercise of democracy? Thus, the present work has as general objective, from these questions to study bibliodiversity in its relationship with independent publications and the relevance of cultural events in this scenario, with the book as the center of the debate. By means of bibliographical, documentary and empirical research (experience reports), the objective is more specifically to understand the relationship of the concept of bibliodiversity with the independent editorial scene and literary events fulfilled in Várzea Paulista and region - the Urban Agglomerate of Jundiaí. Yet, as specific objectives, some of the risks that threaten bibliodiversity will be discussed, as well as actions in its defense. It is intended to develop information that makes more accessible to the readership, the concepts of bibliodiversity, conventional and independent editorial publication, also self-publishing. The events, in this discussion, appear as essential elements, as they promote unique connections and relationships, enhancing the echo of plural voices, facts and social factors that commonly find space mainly in bibliodiverse, mostly independent events.

Key words: Bibliodiversity, Independent publications, Cultural production, Cultural events, Book fair.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Estrutura de um livro convencional	15
Figura 2. Do autor ao leitor: o passo a passo da produção de um livro	15
Figura 3. Pesquisa Quantitativa Projeto Pesquisadores, parte 1	18
Figura 4. Pesquisa Quantitativa Projeto Pesquisadores, parte 2	19
Figura 5. DULCINÉIA por Thiago Honório para Dulcinéia Catadora.....	23
Figura 6. Aomoço por Ricardo Rodrigues para Experimentos Impressos	24
Figura 7. Serigrafia em Reza por Leonardo Vieira para A Margem; Press.....	24
Figura 8. Escrita com fogo em Reza por Leonardo Vieira para A Margem; Press	25
Figura 9. Caixa Fotolivro Corpes Prováveis	39
Figura 10. Caixa, Lâminas fotográficas e Livreto com textos do fotolivro Corpes Prováveis.....	39
Figura 11. Acervo Balaio a ser destinado à Biblioteca.....	44
Figura 12. Organização do acervo a ser destinado à Biblioteca	44
Figura 13. Jornal Social Cultural em edição especial feita para a Balaio	44
Figura 14. Leitura de relatos de artistas e editoras	44
Figura 15. Gravação de vídeo-entrevista com Marcela Vanzan.....	45
Figura 16. Entrega/doação do acervo à Biblioteca	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRELIVROS	Associação Brasileira de Editores e Produtores de Conteúdo e Tecnologia Educacional
AUJ	Aglomerado Urbano de Jundiaí
BN	Fundação Biblioteca Nacional
CBL	Câmara Brasileira de Livros
CTP	Científicos, Técnicos e Profissionais
IEA USP	Estudos Avançados da Universidade de São Paulo
HQ	História em Quadrinhos
IPL	Instituto Pró-Livro
PMLLLB	Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca
PROAC	Programa Ação Cultural
SNEL	Sindicato Nacional de Editores de Livros
UNESCO	United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	CARACTERÍSTICAS DO CENÁRIO EDITORIAL: O CONVENCIONAL E O INDEPENDENTE	13
2.1	Cenário editorial convencional	13
2.1.1	Estrutura convencional do livro.....	13
2.2	Cenário editorial independente	17
2.2.1	Observações sobre o exercício editorial independente.....	20
2.2.2	Experimentação em procedimentos e processos: a centralidade dos eventos.....	21
3	BIBLIODIVERSIDADE	26
3.1	Riscos a Biodiversidade	27
3.2	Salvaguarda a Biodiversidade	30
3.2.1	Entidades do livro e suas ações	31
3.2.2	Reflexões sobre políticas públicas para o livro.....	33
4	RELATOS DE EXPERIÊNCIA: AÇÕES, EVENTOS E ESPAÇOS BIBLIODIVERSOS	36
4.1	Ações da autopublicadora Bella Tozini	37
4.2	Ações da Balaio	40
4.2.1	Balaio: Micro feira de artes editoriais independentes	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIAS	52

1 INTRODUÇÃO

Em aula pública ministrada na Universidade Federal do ABC (UFABC), Haroldo Ceravolo Sereza traz uma emblemática pergunta provocada pelo grande escritor argentino Jorge Luís Borges, inspirado no filósofo Leibniz, que diz algo como ‘Você prefere ter 100 exemplares do melhor livro do mundo, ou ter 100 exemplares de títulos variados?’.

Indagações como esta explicitam um problema social profundo que envolve o cenário editorial, a ausência de diversidade cultural. Dados recentes apresentados por Dalcastagnè (2015) demonstram que no cenário editorial nacional, homens cisgenêros¹ brancos pertencentes às classes mais abastadas tem maior representatividade, seja como autor ou personagem. Frente a tal complicação, partindo ainda de reflexões como a de Borges, nasce em meados de 1990 um conceito central para a resguardar a diversidade cultural literária, a bibliodiversidade. Assunto central neste trabalho.

Daí surge uma série de questões motivadoras para esse estudo: O que seria o cenário editorial convencional ou independente? O que seria a bibliodiversidade? Eventos e editoras independentes garantem e mantêm a bibliodiversidade? E mais, como indagação de fundo, mas não menos primordial, pode este conceito contribuir para o exercício da democracia?

O presente trabalho tem como objetivo geral, a partir dessas interrogações orientadoras, estudar a bibliodiversidade em sua relação com publicações independentes e a relevância dos eventos culturais nesse cenário, tendo como centro do debate o livro.

Mais especificamente, objetiva-se compreender a relação do conceito com o cenário editorial independente e eventos literários realizados em Várzea Paulista e região - o Aglomerado Urbano de Jundiaí. Ainda, enquanto objetivos específicos,

¹ Como exposto no V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades (2017) o termo é usado para designar pessoas cujo gênero que lhe foi atribuído ao nascer está em concordância com sua identidade de gênero.

serão discutidos alguns dos riscos que ameaçam a biodiversidade, mas também ações em sua defesa.

Nessa linha, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, se estudará a configuração do cenário editorial convencional e independente, à luz do conceito de biodiversidade. O cenário independente será observado mais atentamente, dada sua amplitude e variedade em definições, procedimentos e processos.

Trata-se de um segmento constituído por artistas, coletivos de arte, editoras de micro, pequeno, médio e grande porte, instituições públicas, privadas etc. Pode-se dizer que não há consenso explícito que o defina, permitindo delinear-lo sobre diversas óticas - técnicas, filosóficas, sociais, econômicas etc. Assim, será apresentada uma breve ficha técnica de algumas publicações independentes, demonstrando a criação editorial e suas experimentações em procedimentos, processos e meios de distribuição.

Levanta-se a hipótese que eventos promovem conexões e relações únicas, potencializando o ecoar de vozes plurais, fatos e fatores sociais que comumente encontram espaço apenas em eventos biodiversos, principalmente os independentes.

Estima-se exibir relatos de experiência que permitam observar eventos relacionados a esse universo editorial independente. Para tal fim, a artista editorial Bella Tozini e a Balaio figurarão tais estudos.

Bella Tozini é fotografa e autora de *Lacração* (2018) e *Corpes Prováveis* (2021), publicações permeadas por eventos diversos, promovendo relações sociais e estéticas indubitavelmente relevantes para o contexto da biodiversidade regional. A Balaio, feira de artes e publicações independentes, em sua primeira edição viabilizou a compra de mais de uma centena de títulos para compor o acervo literário das bibliotecas de Várzea Paulista, e criou ferramentas de comunicação para fomento à leitura de publicações independentes mais experimentais (SOUZA, 2021).

Apesar da expressiva presença de *e-books* em todo o cenário editorial, inclusive independente, cabe ressaltar que este trabalho abordará publicações impressas, pois a materialidade tem extrema relevância para a concepção abordada pelo autor deste trabalho, considerando a materialidade uma ritualística na leitura de livros, “o eco do eco do eco do que foi sagrado” (CARRIÓN, 2020, P.26).

Desse modo, por meio de pesquisas bibliográficas, documentais e empíricas, pretende-se desenvolver um compêndio de informações que tornem mais acessíveis ao público leitor os conceitos abordados. Cabe ressaltar que pesquisas empíricas, em razão da carência de literatura, foram a única fonte para os estudos sobre eventos literários bibliodiversos em Várzea Paulista e região.

Ao analisar as relações da bibliodiversidade e o cenário editorial convencional e independente, pretendeu-se salientar que um alto volume de publicações não necessariamente representam a diversidade cultural pressuposta no conceito supracitado. Apesar da atual ressignificação conceitual no cenário editorial convencional, buscando promover diversidade em seus acervos, percebe-se que o cenário editorial independente tem maior apelo pela bibliodiversidade, promovendo abundantemente uma pluralidade editorial e cultural.

Mediante a pesquisa, constatou-se que eventos são imprescindíveis para a circulação e existência de empresas e artistas nesta cena.

2 CARACTERÍSTICAS DO CENÁRIO EDITORIAL: O CONVENCIONAL E O INDEPENDENTE

Uma rica proposição é apresentada por Carrión (2020, p.16), onde aponta que:

Os livros se localizam em um quadrado em cujos vértices encontramos as editoras, as livrarias, as bibliotecas pessoais e as bibliotecas coletivas. Quanto aos leitores, estamos no miolo centrífugo dessa circulação incessante.

Observar este quadrado pode fornecer uma sólida base para reflexões sobre o cenário editorial como um todo, visto que aborda importantes elementos de um possível ciclo da leitura, contendo quem produz, quem promove circulação/fruição desta produção e o público leitor.

Este trabalho abordará artistas e publicações independentes como oposição ao consagrado na grande indústria editorial, se opondo a um suposto circuito hegemônico de fruição literária (SZPILBARG; SAFERSTEIN, 2012, tradução livre).

Posto que o cenário editorial independente é o centro do debate, algumas diferenças consideráveis entre a produção editorial convencional e independente estarão demonstradas no decorrer dos próximos capítulos. Para melhor compreensão do todo, é necessário vislumbrar alguns aspectos de cada cena editorial.

2.1 Cenário editorial convencional

Intuindo trazê-lo em debate de forma a apresentar relações com outros assuntos em pauta, o cenário editorial convencional, inicialmente, será apresentado sucintamente. Corroborando-o em capítulos posteriores deste trabalho. Sendo assim, discutir-se-á o livro convencional, tendo como referência a NBR 6029:2002 - Informação e Documentação - Livros e Folhetos, destinada à essa classe (ABNT, 2002) e entidades representativas que o regulam.

2.1.1 Estrutura convencional do livro

É possível ler no capítulo 3 da NBR:6029:2002 que um livro é “Publicação não periódica [...] e que é objeto de Número Internacional Normalizado para Livro (ISBN)” (ABNT, 2002, p.2). Tal norma ainda aponta outros elementos que compõem a estrutura e apresentação de um livro, com 61 definições dos elementos constituintes deste produto (por exemplo capa, lombada, índice, ISBN, encarte e outros elementos).

No decorrer do texto lê-se os itens constituintes da estrutura de um livro e regras gerais para apresentação desses itens. Tal conteúdo é de extrema relevância, pois versa sobre a estrutura de um livro, comum em nosso imaginário ao pensar nesse objeto.

A parte externa é constituída de sobrecapa; capa(s); folhas de guarda; lombada; goteira; orelhas. A parte interna é constituída de elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais. Esses últimos são constituídos por diversos subitens, sendo alguns destes a folha de rosto; sumário; desenvolvimento de textos; figuras; posfácio e glossário. Ainda neste documento, se vê a apresentação de livros e folhetos, ordenando elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais.

Um ponto interessante a acrescentar são as subcategorias para o livro apresentadas no artigo Estudo Analítico da Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro, promovida pela *The Nielsen Company* (2021), sendo: Didáticos; Científicos, Técnicos e Profissionais (CTP); Religiosos e Obras Gerais.

Complementando as informações supracitadas, a linha de produtos editoriais da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, a EMBRAPA (1998) traz uma interessante análise sobre tal Norma, com texto simplificado que facilita a compreensão da definição de tipos de publicação, sendo esses: Publicação seriada periódica (como revistas e jornais); Publicação seriada não periódica (por exemplo apostilas educacionais) e Publicação não seriada (tal como romances). Este último é o formato mais semelhante a um livro convencional. Salienta-se que um livro convencional tende a respeitar as normas aqui citadas, portanto, raramente será encontrado em livrarias ou *e-comerces* exemplares que escapem a norma.

Em continuidade aos elementos de um livro, é interessante demonstrar também os caminhos que este percorre até chegar ao público leitor. Vale evidenciar que tais caminhos podem ser compartilhados (ou não) pela produção editorial independente.

Exemplificando o que foi exposto acima, a figura 1 ilustrará os principais elementos presentes na estrutura convencional de um livro. Enquanto a figura 2

demonstrará um esquema gráfico, de fácil leitura, apontando um habitual passo a passo do livro.

Figura 1. Estrutura de um livro convencional



Fonte: TAG Livros (2017)

Figura 2. Do autor ao leitor: o passo a passo da produção de um livro



Fonte: Editora Seguinte (2016)

Dentro do caminho referenciado na figura acima, encontram-se também as entidades representativas. A CBL (Câmara Brasileira de Livros) é uma associação paulistana sem fins lucrativos. Seus serviços são colocados a disposição para pessoas físicas e jurídicas, associadas ou não, em todo o país. Inclui-se pesquisas de mercado, ficha catalográfica, carta de exclusividade, verificação de autenticidade, assessoria jurídica, banco de vagas de emprego e guias de orientação para abertura de livrarias ou itinerários de leitura.

Para melhor compreensão, a CBL (2016), atual emissora do ISBN (*International Standard Book Number/ Padrão Internacional de Numeração de Livro*) no Brasil, diz que este objetiva fornecer registro para publicações editoriais, sendo um padrão numérico reconhecido em mais de 200 países. Sua difusão global trouxe facilidades para sistemas gerais de catalogação. A sequência é criada a partir de um sistema de registro composto de 13 números que indicam título, autoria, país, editora e a edição de uma obra. Assim é possível individualizar e catalogar as informações de cada uma das diversas publicações registradas.

A Fundação Biblioteca Nacional (BN), órgão do Governo Federal, se localiza no Rio de Janeiro. Essa, por sua vez, registra direitos autorais de obras intelectuais. Visando consulta e referências futuras, garante a preservação de tudo que ali é assentado. Em seu site, encontra-se a seguinte descrição:

Se você é o criador de uma obra intelectual (obra literária, artística, científica ou qualquer outra espécie de criação intelectual, nos termos da lei nº 9.610/98) ou se você é titular de direitos autorais sobre uma obra intelectual, transferidos por contrato (cessão) ou herança, você pode solicitar o registro (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2021, p.1).

Isso demonstra como o produto livro é pautado em códigos e normas dentro do mercado convencional, sendo moldado não apenas para profissionais da área ou a indústria que os produz, mas imprimindo no imaginário coletivo o que é um livro.

Dentre tais códigos e normas, algo é muito interessante, a facilidade para resguardo memorial através do ISBN e outros registros. Uma vez que as publicações submetidas a esses processos têm seus dados armazenados e resguardados para consulta futura em um caminho acessível. Dessa maneira, vendo o livro como extensão da memória e imaginação (SANTANA; MOREIRA; COUTINHO, 2021, p.8.), é adequado considerar que a preservação memorial garantida pelas instituições

supracitadas são fundamentais para resguardar e alimentar, culturalmente, nossa sociedade.

2.2 Cenário editorial independente

O título e tema da 13ª Bienal Naïfs do Brasil foi: *Todo Mundo É, Exceto Quem Não É*, no Sesc Piracicaba. Tal colocação pode ser apropriada para debater a independência editorial, afinal, pode-se pensar que ‘todo mundo é independente, exceto quem não é’, uma vez que cada qual sabe qual lugar ocupa dentro do cenário editorial, podendo inclusive afirmar ser, ou não, independente.

Os autores Szpilbarg e Saferstein (2012, p.476, tradução livre) trazem, com base em informações do Sistema de Información Cultural de la Argentina (SInCA), uma interessante categorização para editoras, sendo Grandes (com capital transnacional); Médias e Pequenas (com capital local) e Microeditoras (um cenário esquivo de padrões reguladores, mais artesanal e, certas vezes, até sem projeto comercial. Aqui encontra-se a autopublicação).

Uma importante contribuição para entender essa cena independente no país é o projeto *Publicadores*, organizado pela Tenda de Livro (2016), uma iniciativa que visa compreender o cenário vigente da publicação independente no país e América Latina, contribuindo para possíveis estratégias e estabelecimentos de novas práticas de circulação e formação de público. O projeto contou com 3 eixos, sendo uma pesquisa acerca do cenário atual de pessoas publicadoras, com mapeamento de editoras, artistas e pessoas pesquisadoras em 2016, através de questionário online; um encontro para debate entre profissionais da área e, como desdobramento das demais atividades, uma publicação (impressa e digital) com os resultados.

O projeto é amplo, mas aqui escolheu-se frisar seu caráter quantitativo, posto que tais dados serão base para posteriores análises sobre diversidade cultural no decorrer do trabalho, uma vez que a pesquisa observa questões como idade, país e estado de origem, gênero, orientação sexual, etnia/raça, eixos temáticos, sustentabilidade profissional, meios de produção, perfil, forma de atuação e outros dados direcionados diretamente a questão profissional. A pesquisa na íntegra é composta também por uma série de textos que interpretam os números coletados

durante os dois meses de pesquisa com o público. A seguir, as figuras 3 e 4 ilustrarão parte dos complexos resultados quantitativos de Publicadores.

Figura 3. Pesquisa Quantitativa Projeto Pesquisadores, parte 1

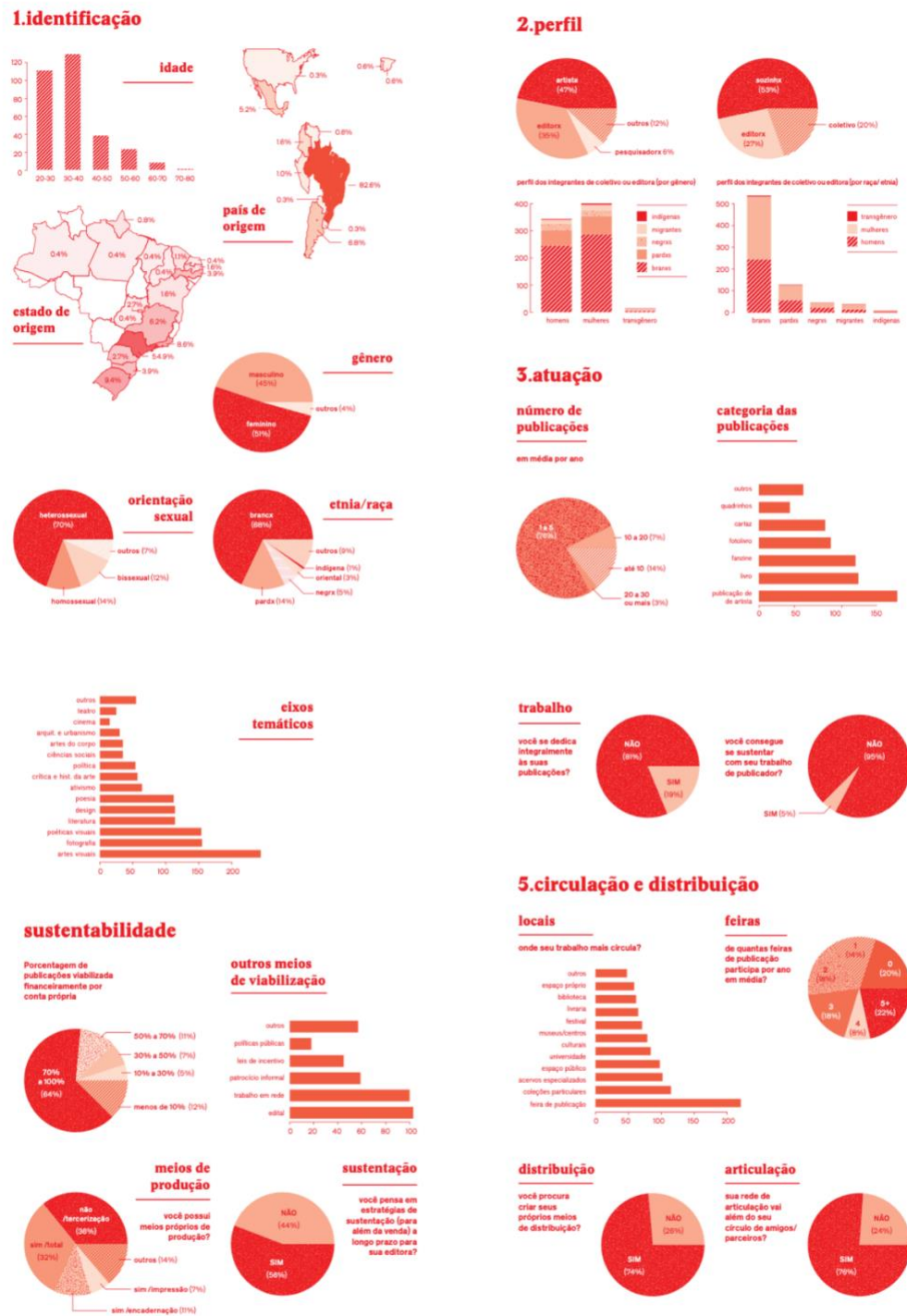
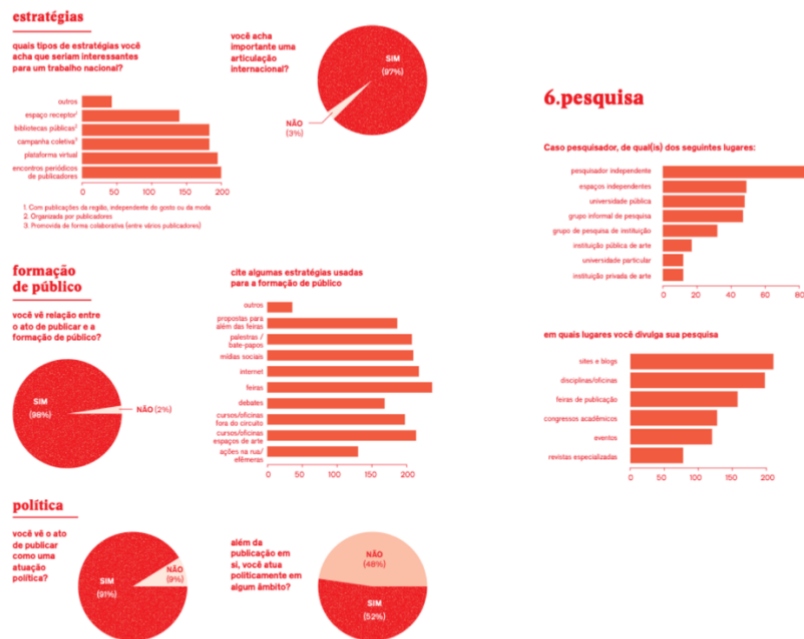


Figura 4. Pesquisa Quantitativa Projeto Pesquisadores, parte 2



Fonte: Projeto Publicadores (2016)

A amplitude conceitual na produção editorial independente demonstra que não é permitido rótulos definitivos, pois como colocado por Szpilberg e Saferstein (2012, p.465, tradução livre), “há marcante heterogeneidade no interior deste grupo quanto a seus modos de funcionamento, representações e aspirações”. Estes ainda dizem que se pode entender o independente em oposição ao convencional, podendo ser tal independência referente ao tamanho e nacionalidade do capital econômico; a

proposta cultural e estética; sua organização laboral, quanto a difusão, distribuição e comercialização, ou mesmo a relação com o Estado e corporações (SZPILBARG, SAFERSTEIN, 2012, p.467, TRADUÇÃO LIVRE).

Posto isso, com base em textos do livro Girafas e Bonsais (MUNIZ, 2016, p. 56), tomam-se “os conteúdos desse universo [...] como geradores de um debate onde o ‘independente’ se forja como tema da realidade e como categoria de compreensão dessa realidade”. O autor ainda levanta que é viável ver, de forma genérica, a independência refletida sob óticas econômicas, políticas, intelectuais, afetivas e outras. Representa autonomia, liberdade e soberania, o que implica assumir todos os riscos envolvidos em todo o processo. Contudo, decide-se o que, como e quando fazer. Um exercício que exime sua condição de escravidão ou colônia. Comenta ainda que:

Ao mesmo tempo que se converte em objeto de usos diversos e assume sentidos heterogêneos, ou até mesmo contraditórios, ele acaba por plasmar novas formações identitárias, que, em alguns casos, darão origem a formas de intervenção intelectual e política com vistas a discutir o presente e o futuro da produção cultural (MUNIZ, 2016, p.50)

Reforça-se aqui que Szpilbarg e Saferstein (2012, p.469, tradução livre) comentam um importantíssimo elemento presente na cena editorial independente, um resgate dos conceitos de bibliodiversidade, em alusão a necessidade de garantir uma diversidade de produções editoriais, como oposição a “bestsellerização” vigente no mundo editorial (principalmente no convencional).

2.2.1 Observações sobre o exercício editorial independente

Atuante desde 2011, a editora Elefante – que pode ser classificada como Média ou Pequena editora - é uma das referências deste trabalho. Em seu site a empresa descreve “que nasceu com o propósito de publicar solidária e coletivamente livros que podem não despertar interesse comercial, mas que possuem inquestionável relevância social, política e cultural” (EDITORIA ELEFANTE, 2021, n.p.). Esse fragmento de texto permite refletir uma forte característica deste cenário: criar publicações com relevância social, recheadas de conceitos aprofundados que o mercado convencional muitas vezes abandona, permitindo a abordagem de temáticas incomuns ou pouco faladas, alcançando maior representatividade social.

O curta metragem *Impressão Minha*, realizado pela Peripécia Filmes em 2020, demonstra alguns fragmentos do cenário independente em algumas regiões do Brasil. No site lê-se que “o documentário abre espaço para reflexões sobre mercado editorial, a oposição entre digital e impresso, o livro como objeto, as técnicas artísticas e de impressão” (PERIPÉCIA FILMES, 2020, n.p.). Essa cena é apresentada através de imagens de eventos, ateliês, gráficas, produtos e entrevistas com artistas atuantes já de longa data.

Tais relatos no filme trazem interessantes percepções. Responsável pela Ugra Press, livraria, loja virtual e editora especializada em HQ desde 2013, Douglas Utescher (IMPRESSÃO MINHA, 2020) comenta a cena independente como ‘escolha ou opção’ para artistas editoriais.

É plausível ponderar que há artistas enxergando esse cenário, devido a sua flexibilidade e facilidade de produção e acesso, como uma opção imediatista para viabilizar suas publicações, até que possam alcançar o cenário convencional, com suas normas e vendas massivas. Contudo, há quem escolha se apropriar e explorar a independência que é estar fora do convencional, criando outros campos de atuação possíveis, pois, como apontado por Cecília Arbolave (IMPRESSÃO MINHA, 2020) essas publicações estão em um lugar de experimentação que o convencional, devido a sua estrutura, não se permite estar.

2.2.2 Experimentação em procedimentos e processos: a centralidade dos eventos

A Balaio é uma feira de artes e publicações independentes, com sua primeira edição adaptada a realidade com COVID-19 em Várzea Paulista. Dentre suas diversas ações, foi feito uma publicação virtual com demonstrativo do catálogo e textos curatoriais especiais. Em um destes textos, Souza (2021) comenta que experimentar é uma das essências desse segmento, e tais publicações, experimentais, são um delicioso aperitivo para as práticas que compõem esse cenário.

Uma característica relevante dessas produções é sua flexibilidade, pois podem, ou não, pautar-se pela NBR 6029:2002 (ABNT, 2002) ou outras normas citadas anteriormente. Frisa-se que isso é mais difícil (pode-se dizer até impossível) para o setor convencional.

Recordando o ‘quadrado’ supracitado por Carrión (2020), cujas livrarias são um dos vértices, como resposta à criação de caminhos próprios e autônomos, tem surgido espaços especializados nesse segmento no interior paulista, a exemplo da Casa Amarela (Jundiaí - SP), Cheiro de Livro (Jundiaí - SP), Giz Livros e Cia (Pindamonhangaba – SP), assim na capital, como a Africanidades (São Paulo - SP), Banca Tatuí (São Paulo - SP), Banca Curva (São Paulo - SP), Lovely House (São Paulo - SP), Gato Sem Rabo (São Paulo – SP). Além dos empreendimentos em todo o país, caso da Polvilho Edições (Belo Horizonte - MG), Outras Palavras (Ouro Preto – MG), O Jardim (Goiânia - GO), Livraria Lamarca (Fortaleza - CE) e tantas outras.

A Africanidades tem curadoria dedicada a vozes negras, enquanto a Gato Sem Rabo cura apenas publicações de mulheres. Ambas as ações afirmativas são extremamente importantes para salvaguardar e difundir diversidade cultural. Lovely House é casa especializada em fotolivros, uma preciosa parcela das publicações independentes que encontra dificuldade na comercialização. Bancas Curva e Tatuí se dedicam a uma maior pluralidade, com ênfase em zines e cartazes, mas encontra-se de tudo. Casa Amarela e Cheiro de Livro comercializam publicações e editoras nunca comercializadas fisicamente em todo o AUJ.

Há denominadores comuns entre todas essas livrarias/bancas/centros culturais, sendo a bibliodiversidade e o fator eventos literários onipresente na vida de todas. Seja com bate papos, lançamentos de livros, vernissages, oficinas, feiras literárias, ações de fomento à leitura que não permitem rotulagem, ou seja, eventos únicos e marcantes. Como comentado por Rodrigues (2019, p.23) estas perceberam a importância de fazer parte do tecido local, colocando o livro no centro das amplas relações ali vividas. Diz ainda que, em razão da massiva presença do online, fazer parte de ações em sua comunidade é um desejo. Com isso, reforça-se a humanidade presente nessa cena.

Outro ponto peculiar são as formas de distribuição desta produção. Os empreendimentos supracitados funcionam cada qual a seu modo. Permitindo experiências únicas a quem produz, vende ou compra.

Para exemplificar isso, traz-se comentários sobre o Jornal Travesti Viva. Produto de um grupo de travestis organizadas no Ateliê TRANSmoras, comumente dedicado a moda. As ‘membras’ do grupo, como preferem ser chamadas, foram entrevistadas na Balaiada #3 (2021), o terceiro episódio do podcast da Balaiada - um

programa para diálogos interessados em expandir a percepção do público sobre a cena editorial independente - e apontaram que no financiamento coletivo para desfile na Casa de Criadores, em 2018, decidiu-se abrir espaço a literatura trans. A equipe do Ateliê cuidou de todas as etapas. Durante o desfile, houve também o lançamento do Jornal, que foi vendido na própria passarela. Hoje, encontra-se a publicação em plataformas virtuais, permitindo sua revenda por travestis de todo o mundo, fomentando geração de renda.

Outro ponto fundamental é composto por artistas editoriais independentes, responsáveis por alimentar os vértices do quadrado de Carrión. Essas pessoas constroem narrativas, consolidam imagens, provocam experimentações em parceria a toda a complexa rede editorial independente e dão os tons que baseiam a cena por inteiro.

Sobre a materialidade de uma publicação, é possível vislumbrá-la sendo fisicamente composta por papel - com ou sem alguma impressão – acabamento e objetos (in)comuns, além de sua embalagem.

Abaixo a figura 5 apresentará uma publicação composta por papelão e acabamento apenas, sem qualquer impressão, o livro-obra DULCINÉIA, por Thiago Honório para Dulcinéia Catadora. Em seguida, a figura 6 ilustrará publicação com embalagem absolutamente incomum, uma marmita, tal qual as de serviço de entregas de comida. Essa é Aomoço, por Ricardo Rodrigues para Experimentos Impressos. Posteriormente, as figuras 7 e 8 exemplificam uma proposta inusitada de leitura, um livro branco com serigrafia branca e escritas feitas com fogo. Este é Reza, de Leonardo Vieira para A Margem; Press.

Figura 5. DULCINÉIA por Thiago Honório para Dulcinéia Catadora



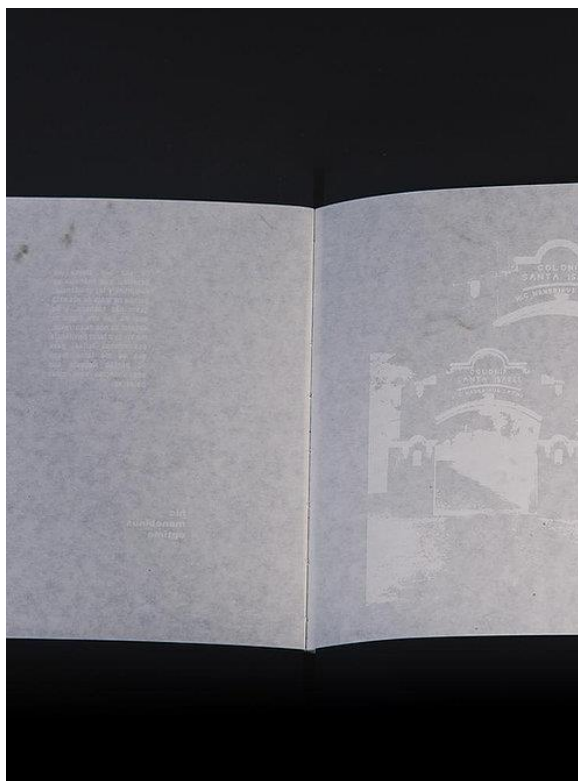
Fonte: Dulcinéia Catadora (2017)

Figura 6. Aomoço por Ricardo Rodrigues para Experimentos Impressos



Fonte: Experimentos Impressos (2020)

Figura 7. Serigrafia em Reza por Leonardo Vieira para A Margem; Press



Fonte: A Margem; Press (2020)

Figura 8. Escrita com fogo em Reza por Leonardo Vieira para A Margem;
Press



Fonte: A Margem; Press (2020)

3 BIBLIODIVERSIDADE

O cenário aqui discutido não permite, de forma explícita e conclusiva, trazer à tona quaisquer definições, pois é possível perceber um campo em constante germinar de ideias e ideais. De qualquer forma, escolheu-se como principal referência a Alliance Internationale Des Éditeurs Indépendants (2014), que em sua publicação Declaração Internacional de Editores e Editoras Independentes de 2014: Para Juntos Mantermos Viva e Fortalecermos a Bibliodiversidade, define:

bibliodiversidade é a diversidade cultural aplicada ao mundo do livro [...] refere-se à diversidade necessária da produção editorial que se disponibiliza aos leitores. Se os grandes grupos promovem, pela importância quantitativa da sua produção, uma certa diversidade editorial, isto não garante a bibliodiversidade, que não se mede apenas pelo número de títulos disponíveis [...] pode atribuir-se a invenção do termo bibliodiversidade aos editores chilenos, ao criarem o Colectivo Editores Independientes de Chile no final da década de 1990 [...] desde 2010, comemora-se o Dia Internacional do Bibliodiversidade a 21 de setembro - dia da Primavera no hemisfério sul (ALLIANCE, 2014, p.1).

Este documento aponta que a edição independente é representativa quando se fala de bibliodiversidade, pois essa em busca de equilíbrio econômico, não pretere conteúdos que comumente trazem visões e vozes pluralizadas. Cabe reforçar que, como dito por Szpilbarg e Saferstein (2012), as editoras independentes resgatam este conceito, em alusão a necessidade de “garantir uma diversidade de produções editoriais, como oposição a ‘bestsellerização’ vigente no mundo editorial (principalmente no convencional)” (SZPILBARG E SAFERSTEIN, 2012, p.469, tradução livre). Isto torna tal prática essencial para manutenção e prevalência deste conceito. Ainda é possível ler bibliodiversidade como diversidade cultural. Sobre esta última, lê-se na Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural:

manifesta-se na originalidade e na pluralidade das identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade [...] constitui o patrimônio comum da humanidade [...] Inseparável de um contexto democrático [...] nutrem a vida pública. (UNESCO, 2001, tradução livre).

Tal declaração ainda comenta que a diversidade cultural amplia possibilidades à disposição da população, propiciando desenvolvimento econômico, intelectual, afetivo e espiritual. Habitando o centro deste debate estão os livros.

Gustavo Diniz de Faria (2021) comenta que o livro é uma tecnologia em construção. Outras pensadoras alegam que este é extensão da memória e imaginação, mas também pressuposto teórico e empírico para seguir adiante nos variados temas, históricos e contemporâneos, que demonstram as práticas sociais da escrita e da leitura, da mediação e circulação de ideias, intrínsecas a seu universo (SANTANA; MOREIRA; COUTINHO, 2021, p.8.).

Percebido que uma das características desta tecnologia é comunicar informações por longos períodos, um repositório de conhecimentos e valores a transmitir, é interessante refletir as publicações convencionais e independentes como repositório de humanidades, manifesta em toda amplitude de materiais e procedimentos cabíveis a tal objeto. Está presente no decorrer desta pesquisa, relatos que demonstram os valores sentimentais, estéticos e outros cabíveis, assim como também seu valor econômico.

3.1 Riscos a Bibliodiversidade

É necessário apontar que há uma série de perigos eminentes à bibliodiversidade. A Aula Pública: Bibliodiversidade, na Rede TVT, com Haroldo Ceravolo Sereza (2016), tem uma interessante provocação, pois propõe encarar livros como um agente que potencializa noções do capitalismo. Revelação que acentua o livro enquanto mercadoria. Apesar da aparente multiplicação de títulos nas livrarias convencionais, ou marketplaces, esses são cada vez mais homogêneos, ou seja, estes espaços vêm exibindo menos livros, reduzindo assim a bibliodiversidade. Em texto escrito para Carta Maior durante o Salão de Livros de Paris, Ivana Jinkings (2006) denunciou esse grave aspecto tão presente no cenário editorial, comentando por exemplo, a venda de vitrines em grandes redes de livrarias, prática comum em supermercados e outros estabelecimentos semelhantes.

Rodrigues (2021) comenta que uma série de fatores causaram o atual colapso vigente no cenário editorial, uma situação grave de longa data. A seguir, dar-se-á como exemplo a Livraria Cultura, que em 2018, entrou com pedido de recuperação judicial, passando a atrasar e até suspender pagamentos, além de fechar diversas

lojas, assim como a Saraiva, que encerrou as atividades em 19 lojas. O autor ainda indica, observando a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, que não há melhora significativa nos índices de leitura no país.

É cabível pensar que outro grande risco à bibliodiversidade é o advento dos marketplaces. Carrión (2020) considera que são uma macroestrutura trabalhando por algoritmos, tornando mais simples decidir a visibilidade, acesso e ainda influenciar mais assertivamente as escolhas da clientela. Este afirma também que tal movimento é encabeçado pela Amazon, de Jeff Bezos. Utilizando-se desta última para representar a expropriação simbólica dita por Carrión em seu *Livro Contra Amazon*, serão observados alguns aspectos negativos desta.

O primeiro ponto apresentado é que os preços desta tendem a ser consideravelmente inferiores aos praticados por outros empreendimentos. Todavia, Carrión considera que é apenas uma aparência de preços mais baratos, por isso propõe a seguinte reflexão a gigante:

ao eliminar os custos de envio, negociando com seus grandes fornecedores para conseguir o menor preço possível para o cliente individual, a Amazon parece ser barata. Muito barata. Mas já sabemos que o barato sai caro. Muito caro. Porque a invisibilidade é uma camuflagem: tudo é tão rápido, tão transparente, tão fluido, que parece não haver intermediação. Ela existe, porém. E você paga em dinheiro e em dados (CARRIÓN, 2020, p.27).

Como relatado por Tadeu Breda (2021), mesmo sem jamais ter disponibilizado diretamente um título à Amazon, descobriu que esta comercializava o catálogo da Elefante, sua editora, a preços mais baixos que os praticados pela própria Elefante em seu site. O que dificulta exponencialmente suas atividades, uma vez que a editora recomenda à clientela que comprem diretamente com pequenas livrarias ou em seu próprio site.

Outro ponto interessante comentado no livro é que este gigante marketplace vêm eliminando, paulatinamente, o coeficiente humano, o que é reforçado na inexistência de pessoas livreiras em suas lojas físicas. É plausível observar que tal personagem é crucial e decisiva para o exercício da bibliodiversidade, afinal, a profissão reforça uma contundente proposição de Carrión (2020), a humanidade nos livros, promovendo conexões sociais. O relacionar-se que é ir a livraria é um importante ponto para fruição social sob as mais diversas óticas, além de fomentar

necessárias reflexões para um consumo mais consciente, como comentado por Carrión (2020) visto a seguir:

É preciso ir à livraria; buscar o livro; encontrá-lo; folhear; decidir se o desejo tinha razão de ser; talvez abandonar esse livro e desejar o desejo de outro; até encontrá-lo; ou não; não tem; encomendar então; chegará em 24 horas; ou em 72; dar uma olhada nele; e então comprar finalmente; talvez o leia, talvez não; talvez deixe que o desejo se congele por dias, semanas, meses ou anos; ali estará, no seu preciso lugar, na sua precisa estante; e sempre lembrarei em que livraria e quando o comprei (CARRIÓN, 2020, p.30).

Em suma, o autor indica que é necessário haver humanidade nos livros para que o surgimento de reflexões mais abrangentes venha a aparecer, menos pautadas por algoritmos, que podem tornar invisível a ausência de diversidade presente nas publicações. Números podem indicar algumas dessas características. Dalcastagnè (2015) levanta que nos principais prêmios literários nacionais (Jabuti, São Paulo de Literatura e outros), entre 2000 e 2014, foram premiados trinta e nove autores e somente três mulheres. Mostra ainda em outra pesquisa, que no período de 1991 a 2014, homens brancos cisgênero, pertencentes a camadas sociais mais abastadas, seja como autor ou personagem, representam mais de 70% dos romances publicados por grandes editoras brasileiras.

Outro dado relevante é a localidade de tais autores. A autora conta que cerca de 60% desses autores residem em São Paulo ou Rio de Janeiro. Esta situação é compartilhada no cenário editorial independente, como foi possível ler nos resultados da pesquisa Publicadores (2016), que igualmente demonstram aglomeração maior que 60% de autores/empreendimentos no eixo Rio/ São Paulo. Também com maioria branca. Contudo, nesta última pesquisa constata-se sutil maior presença de mulheres.

Como comentado por Sereza em sua Aula Pública: Bibliodiversidade (2016), é plausível pensar que uma corrida capitalista desenfreada, incapaz de refletir suas consequências sociais, trazem sérios riscos à bibliodiversidade, mas também à toda sociedade. Carrión (2020, p.25) comenta que “na Amazon, estão à venda uma infinidade de edições de *Mein Kampf* muitas delas com prólogos e notas para lá de questionáveis”. Segundo o autor, a empresa foi notificada, mas argumentou não acreditar em censura. O livro supracitado, publicado originalmente em 1925, é de Adolf Hitler, precursor de ataques violentos e explícitos contra a diversidade cultural.

Posto isso, vale reforçar proteger a diversidade cultural é imprescindível para a coexistência em uma sociedade mais equânime. Um país necessitado de mais

pluralidade, de mais leitura, uma economia dinâmica e mais debates sem amarras, precisa de bibliodiversidade (MENEZES, 2018, n.p.). E bibliodiversidade (lê-se sociedade que dialoga com todas as vozes e corpos existentes mundo adentro, sem discriminação ou ato violento frente as diferenças), se faz com respeito a diversidade.

3.2 Salvaguarda a Bibliodiversidade

Proteger a bibliodiversidade conjuntamente à diversidade cultural é essencial para a vida em uma sociedade cada vez mais equânime. É responsabilidade de todas as pessoas e instituições. É por esse entendimento que a bibliodiversidade é pauta vigente em todos os cenários editoriais, de micro editoras independentes à conglomerados editoriais.

Neto (2020) comenta um interessante exemplo, a recente criação do Conselho de Diversidade e Inclusão, em 2019, e o cargo Editor de Diversidade, em 2020, na Companhia das Letras, gigante do setor editorial convencional nacional, sendo Fernando Baldraia o contratado, além de editoras/es convidadas/os/ Ana Paula Xongani e Samuel Gomes. Conjuntamente, uma carta foi enviada às funcionárias/es/os, também um programa de *trainee* e estágio direcionado às pessoas que atendam os quesitos de diversidade social, além do futuro censo entre funcionárias/es/os e catálogo para construção de novas ações.

Na contramão da supressão/opressão da diversidade, ocasionada pela homogeneização promovida majoritariamente por conglomerados editoriais, a cena editorial independente, como dito por Muniz (2016, p.84) se engendra como quem, permanecendo fora desses grandes grupos ou à sua margem, dispõem de total autonomia sobre a formação de seu catálogo, privilegiando conteúdo relevante em vez da rentabilidade. O conjunto das editoras assim caracterizadas é tomada, em chave positiva, como território imune ou resiliente a tais transformações estruturais do mercado editorial e, portanto, salvaguarda à diversidade cultural, conseqüentemente, bibliodiversidade.

É válido mencionar que tais catálogo de relevância social, preterindo (majoritariamente) rentabilidade, conseqüentemente, artistas e empresas editoriais independentes encontram dificuldades para figurarem em grandes livrarias, implicando a criação de caminhos próprios e autônomos para sua existência e

sustentabilidade. Ou seja, vivenciar esse cenário implica, em algum momento, vivenciar um evento que se pertence a ampla rubrica feira de publicação independente.

O relacionar-se, esse vivenciar, se dá de maneira muitas vezes mais intensa em eventos dirigidos. Como é amplamente comentado por todas as pessoas entrevistadas em *Impressão Minha*, há o fator humano fortemente manifesto nessa convivência. Como sublimemente dito por Carrión (2020), funcionam como uma máquina surrealista de fazer analogias inesperadas, propiciando relações e diálogos entre milhares de elementos.

3.2.1 Entidades do livro e suas ações

Para este trabalho, escolheu-se citar a Liga Brasileira de Editoras (LIBRE), Instituto Pró-Livro (IPL), Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e Câmara Brasileira de Livros (CBL). Esta seleção se deu por um elemento comum inerente nestas, a realização de eventos e pesquisas de público, promovendo maior compreensão sobre o setor editorial, em constantes discussões com sociedade civil, iniciativa privada e Estado.

A LIBRE é uma instituição independente de interesse público sem fins lucrativos, constituída em 01 de agosto de 2002, desprovida de filiação político-partidária, “uma rede de editoras independentes, que trabalham cooperativamente, pelo fortalecimento de seus negócios, do mercado editorial e da bibliodiversidade” (LIGA BRASILEIRA DE EDITORAS, 2021, n.p.). A instituição ainda aponta que é uma rede atuante na criação de políticas públicas, em busca do fortalecimento de empresas editoriais independentes, visando, através de eventos nacionais e internacionais, proximidade com processos governamentais – como editais, licitações etc. – intuindo salvaguardar a bibliodiversidade em território nacional. Uma rede ativa e atuante em diversas frentes. A Redação *Publishnews* (2021) comenta que o evento mais conhecido da Libre é a Primavera dos Livros. Evento de longa data e importância em território carioca, foi retomado nos dias 19, 20 e 21 de novembro de 2021, nomeado Mini Primavera dos Livros, pois houve a necessidade de readequações como resguardo aos perigos com COVID-19.

O SNEL (Sindicato Nacional dos Editores de Livros) nasceu em 1941, firmando um compromisso de profissionalizar o cenário editorial nacional. Para isso, efetiva

estudos e coordena atividades, assim como protege e representa legalmente a classe no Brasil. Fornece ainda importantes levantamentos periódicos relevantes para a supracitada profissionalização da cena.

Já o IPL (Instituto Pró-livro) é uma Oscip (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) orientada e criada por outras entidades do livro – Abrelivros, CBL e Snel. Sua fundação se deu em 2006, em resposta a preocupações relacionados ao livro e suas ramificações em sociedade. Seu objetivo é promover pesquisas e ações de fomento à leitura. Oportuniza ainda seminários, publica livros, incentiva um mapeamento de ações de fomento à leitura através da Plataforma Pró-Livro, articula o Prêmio IPL: Retratos da Leitura e é responsável pela Bial Internacional do Livro Rio. Além de divulgar em seu site um calendário de feiras e eventos correlatos.

Pondera-se que instituições posicionadas em prol de eventos e políticas públicas podem corroborar um cenário bibliodiverso (e mais independente). Há muitos eventos promovidos, incentivados ou com a participação de tais entidades, destacar-se-á a seguir algumas de suas pesquisas de público. Além de serem disponibilizadas gratuitamente ao público geral, são extremamente relevantes no setor editorial, seja convencional ou independente, como comentado por participantes da mesa virtual ‘Como chegamos à maior crise do mercado editorial?’ no 6º Salão do Livro Político (2021).

O IPL realiza desde 2007 a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, a mais completa do gênero no país, com ampla divulgação de seus resultados. Atualmente junto a *The Nielsen Company*. Como dito pelo IPL (2021), “O principal objetivo da pesquisa é avaliar impactos [...] orientando políticas públicas e ações para melhorar a qualidade e os atuais indicadores de acesso ao livro e de leitura dos brasileiros” (IPL, 2021, n.p.). Utiliza-se de metodologia do Cerlalc, permitindo comparação com pesquisas de países ibero-americanos. Ramificam desta: Retratos da Leitura em Bibliotecas Escolares e Retratos Para os Eventos do Livro e da Literatura - em parceria com o Itaú Cultural.

O SNEI, junto a outras instituições, como a CBL, produz a Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro e sua série histórica, além de outras como o Painel do Varejo de Livros no Brasil. Desde 2020, realizadas pela *The Nielsen*

Company (2021), que aponta ser o “diagnóstico mais completo da performance editorial no país” (*THE NIELSEN COMPANY*, 2021, n.p.).

As pesquisas supracitadas são longevas, posto isso, oferecem um arcabouço de informações para qualquer pessoa ou empresa interessada no assunto nacionalmente. Estes dados servem para gestão minuciosa do setor editorial, mas principalmente, fornece base para debate e criação de políticas públicas para o livro no país.

3.2.2 Reflexões sobre políticas públicas para o livro

Entendendo a administração pública como esfera máxima da gestão social, muito se discute a construção e efetivação de políticas públicas participativas. Entre os dias 13 e 15 de outubro de 2021, houve o simpósio ‘Por Uma Lei da Biodiversidade’, promovido pelo Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA USP). Foi proposto um importantíssimo debate, tendo como tema central a Lei Lang na França, popularmente conhecida como Lei do Preço Fixo-único do Livro, que completa 40 anos. Textos do IEA USP (2021) apontam que tal lei foi aprovada intuindo se posicionar “contra a concorrência desleal das livrarias, em resposta às grandes redes varejistas que apenas despontavam no mercado” (IEA USP, 2021, n.p.). Outros países instauraram política semelhante.

No Brasil, a PL 49/2015, nomeada aquela altura Política Nacional do Livro e Regulação de Preços segue em tramitação no Governo. Carrión (2021), LIBRE (2021) e outros apontam que é necessário tornar visíveis as desigualdades vigentes no que tange a produção, comércio e distribuição editorial no Brasil, um país desigual de dimensões continentais. O IEA USP (2021) ainda comenta que “a questão tem sido debatida sob a ótica do mercado, quando, na verdade, ela tem uma abrangência muito maior, dada a natureza do livro na economia de bens culturais” (IEA USP, 2021, n.p.).

Como lido em artigo de Talita Fachini (2021) para o PublishNews, preterindo nomes como Lei do Preço Fixo ou Lei do Preço Comum, a PL 49/2015, se chamará Lei José Xavier Cortez, intuindo provocar maior aceitação geral, pois será uma homenagem ao fundador da Editora Cortez, ferrenho defensor da lei, falecido com 84 anos em setembro de 2021.

Outra importante discussão de longa data, a Lei Castilho (Lei Nº 13.696), que institui a Política Nacional de Leitura e Escrita², foi aprovada em 2018. Contudo, percebe-se ainda a necessidade de maiores discussões sobre a bibliodiversidade e tudo que a permeia, uma vez que se constata ser difícil ver aplicadas as leis que resguardam o conceito. Para corroborar a pauta, traz-se o seguinte relato do simpósio Por Uma Lei da Bibliodiversidade:

Em sua apresentação, *O lugar do Preço Fixo nos ativismos editoriais brasileiros*, José de Souza Muniz Junior (DELTEC-CEFET-MG), chamou atenção para o conceito de bibliodiversidade e ampliou a ideia. "Por exemplo, se a gente entra numa editora e só encontra gente branca trabalhando ali dentro, será que existe bibliodiversidade? Se na Lista dos Mais Vendidos do PublishNews, a proporção de livros mais vendidos é de sete autores homens para três autoras mulheres, será que tem bibliodiversidade? Se a produção e seleção de livros didáticos no Brasil, no PNLD, contempla principalmente editoras de grande porte, situadas em apenas três estados da federação, será que existe bibliodiversidade?" (FACCHINI, 2021, n.p.).

Entretanto, é viável apontar que há intervenções públicas país adentro, criando um terreno fértil para que as leis e debates supracitados, sejam feitos pela sociedade civil, organizações ou pelo Governo. Um interessante exemplo é a instituição do Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca (PMLLLB) no município de São Paulo em 2015, no governo Fernando Haddad. O programa foi interrompido em 2017, mas retomado em 2019, com nova eleição bianual para o Conselho, ocupado por membros da sociedade civil.

Como escrito pelo SAEL (2015), sua implementação traz maior possibilidade de acompanhar as políticas públicas relacionadas ao livro "à leitura e à literatura, além de organizar e articular redes de leitura [...] debater e promover a formação de mediadores no esteio da bibliodiversidade e desenvolver e apoiar ações de literatura". Na PMLLLB figuram temas como a democratização do acesso, apoio ao desenvolvimento da economia sustentável do livro - da escrita à edição e circulação, formação de mediadores além de debate e promoção da bibliodiversidade, literatura não hegemônica, marginal periférica e de mulheres, pessoas negras e LGBT.

Com maior recorrência e força, há também ações e projetos promovidos por artistas e empreendimentos culturais e editoriais, muitos eventos que influenciam

² Íntegra disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113696.htm

positivamente as relações vivenciadas pelo público, pois semeiam a humanidade dos livros que Carrión (2020) e outras/es/os sugerem. Mas principalmente, instigam a diversidade cultural. Para corroborar tal discussão, o próximo capítulo relatará experiências com eventos bibliodiversos em Várzea Paulista e região.

4 RELATOS DE EXPERIÊNCIA: AÇÕES, EVENTOS E ESPAÇOS BIBLIODIVERSOS

Observada a relevância de eventos como feiras, ações em espaços culturais e/ou livrarias e outros para o mercado editorial, Muniz (2016) demonstra esses como uma espécie de denominador comum entre o cenário editorial convencional e independente. Um universo de práticas heterogêneas comumente nomeadas com a genérica rubrica feira de livro, permitindo pontos de contato entre realidades - mais ou menos – antagônicas, caso do mercado editorial convencional e independente. O autor ainda diz que “em tais eventos, o livro está longe de ser o protagonista da situação, caso de grandes feiras como a Feira do Livro de Frankfurt, basicamente um *bureau* de negócios editoriais, onde se vende e compra direitos, licenças e demais pormenores” (MUNIZ, 2016, p.187). Em contraponto, outras como a Tijuana, Miolo(s), Sub, Anarquista etc., propiciam encontros para venda de um sem-fim de produtos além de livros (zines, folhetos, cartazes, livros de artistas, objetos editoriais e o que mais for possível), sendo o relacionar-se a essência destes eventos.

Um exemplo interessante a tratar é a Feira Plana “maior evento de publicações da América Latina [...] em São Paulo, contou com mais de 200 expositores de diversos estados brasileiros e outros países [...] um evento capaz de aproximar milhares de pessoas, entre expositores e público visitante” (RODRIGUES, 2019, p.21).

Ainda ilustrando a efervescência de eventos vigente no cenário editorial, é possível acompanhar as tantas páginas nas redes sociais de artistas, editoras e feiras, em especial o calendário apresentado pelo SNEL - citado em capítulo anterior – onde encontra-se feiras em todos países. Também há um grupo no *Facebook* chamado Calendário de Feiras de Publicações Independentes e Arte Impressas, com mais de 4 mil integrantes. Lá acessa-se uma planilha com Calendário de Feiras de Arte Impressa e Publicações Independente, alimentado pela própria comunidade desde 2015. Sem falar em plataformas como Eventbrite e outras, todas demonstrando os muitos eventos editoriais do país, ou mesmo do mundo. Isso reforça a fertilidade dos eventos neste segmento.

Fruto de tamanha fertilidade, o solo editorial em Várzea Paulista e região vê brotar iniciativas que descentralizam e deslocam dos grandes centros urbanos

sementes das potências criativas que são as feiras de livros e ações correlatas, como é visto em ações diversas AUJ adentro. Dentre as tantas possibilidades a retratar, escolheu-se em razão de suas peculiaridades e ineditismo (ao menos na região) as ações artístico-editoriais da artista, produtora de projetos culturais LGBTQIAP+ e autopublicadora Bella Tozini e da pluricultural Balaio.

4.1 Ações da autopublicadora Bella Tozini

O currículo disponível em seu site revela que Bella Tozini (2021) é artista paulistana, com 40 anos. Residente em Cabreúva já há alguns anos. É artista e pesquisadora no campo das artes visuais com ênfase na relação entre fotografia, cinema, corpo, gênero e sexualidade, com graduação, especialização e mestrado nas áreas supraditas. Publicou *Lacração* (2018) e *Corpes Prováveis* (2021), ambas obras produzidas em Cabreúva.

Corpes Prováveis foi realizada com recursos do ProAC (Programa Ação Cultural), edital nº 15/2020 - Incentiva da cultura popular, tradicional, urbana, negra, indígena e LGBTQI+ (online e/ou presencial). Com tiragem de 300 exemplares, o livro, com 80 páginas, se compõe por 3 partes distintas (Caixa 20x 30 cm; Lâminas fotográficas com 28 imagens coloridas 20x30 cm e Livreto com entrevistas e textos 14,8x20 cm. A concepção do projeto, fotografias e design são de Bella Tozini, com curadoria de Sylvia Furegatti, e textos desta e de Gilberto Alexandre Sobrinho. Extraiu-se no site da artista, Bella Tozini, algumas informações referentes a publicação, onde a artista diz que o fotolivro:

compreende um conjunto de retratos e entrevistas íntimas de pessoas da comunidade LGBTQIA+, em seus momentos mais privados e ocasionalmente vulneráveis, muitas vezes em espaços domésticos. O livro traz depoimentos e imagens de oito pessoas, que expressam a potência dos corpos dissidentes, entendendo-os como interface política, cujas experiências vividas existem nas complexas interseções de identidade de gênero, idade, raça, formas do corpo, sexualidade, classe socioeconômica e localização geográfica. A publicação, na linha dos fotolivros mais contemporâneos, propõe uma formatação onde os leitores podem criar novas conexões, seja por afinidade ou contraste, entre as imagens, alterando e manipulando a sequência da paginação e da capa. O livro propõe a percepção de outras narrativas visuais na intenção de envolver o público com a imagem e texto do corpo dissidente de maneira íntima (TOZINI, 2021).

Bella acentua um importante elemento no exercício editorial independente, a criação de conexões, seja por semelhança ou dissemelhança, entre artistas, ficha técnica do projeto e público leitor. Propondo caminhos de produção e leitura incomuns, extrapolando conceitos vigentes e corroborando bibliodiversidade, com plena diversidade cultural.

Como comentado anteriormente, eventos têm forte relação com a cena. Bella associa suas publicações a eventos de maneiras interessantes. O lançamento do livro se deu em ações presenciais na Casa Amarela (Jundiaí – SP), Centro de Cultura e Lazer Silvia Covas Rotas (Cabreúva – SP), Casa da Cultura (Itu – SP), respectivamente. Para exemplificar tais eventos, serão abordados relatos sobre o lançamento na Casa Amarela.

O evento se deu no dia 28 de agosto, uma tarde de sábado, por aproximadamente 2 horas. Com aproximadamente 30 pessoas presentes, seguindo os protocolos de segurança vigentes. Houve um bate papo entre público e pessoas retratadas no livro, Em seguida, sorteios cujos prêmios eram um cartaz, um exemplar de *Corpes Prováveis* ou um combo com todas as publicações da artista. Impossível faltar a clássica e cativa roda de autógrafos.

Muitas outras ações virtuais aconteceram, como o show virtual do Rap Plus Size³ e live com a artista Giovanna Massera⁴ pelo Instagram da artista. Lançou uma série de vídeo-entrevistas com as pessoas retratadas no fotolivro, pela plataforma YouTube, no canal *Corpes Prováveis* e promoveu a oficina on-line nomeada *O Retrato Dissidente*. Bella ainda participou do Interfoto Itu, em 2021, com a palestra *O Fotolivro Dissidente*.

Em entrevista à *Balaiada #1* (2021), o primeiro episódio do podcast da Balaio, Bella comenta que considera importante democratizar o acesso às publicações, posto isso, é possível encontrar *Corpes Prováveis*, e seu primeiro fotolivro, *Lacração*, em bibliotecas públicas de Várzea Paulista, Cabreúva, Jundiaí e outras na região.

Sendo importante contemplar a publicação, buscou-se no site da autora material gráfico que demonstrasse ao público leitor as inusitadas materialidades de *Corpes Prováveis*, representadas pelas figuras 9 e 10, vistas a seguir:

³ Disponível em: <https://www.instagram.com/rapplussize/>

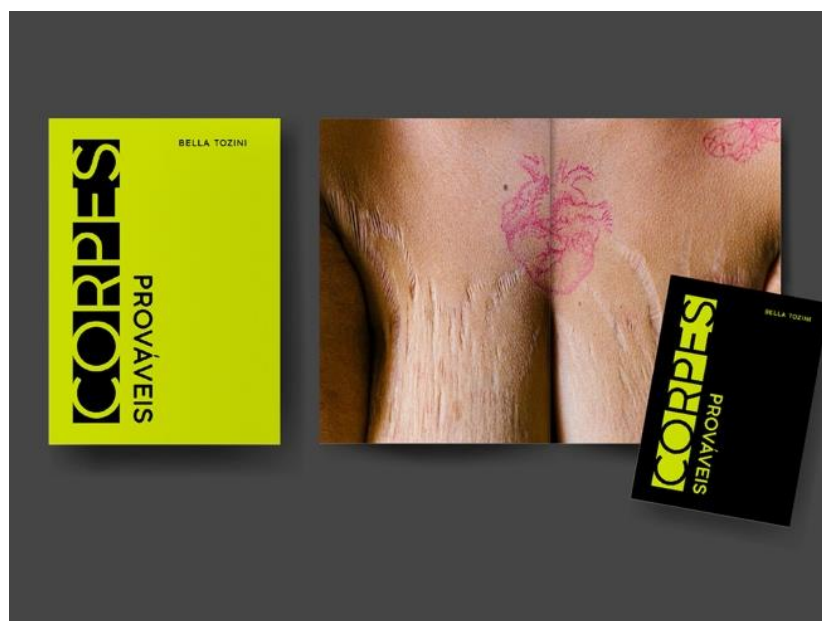
⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/toranja.mecanica/>

Figura 9. Caixa Fotolivro Corpes Prováveis



Fonte: Bella Tozini (2021)

Figura 10. Caixa, Lâminas fotográficas e Livreto com textos do fotolivro Corpes Prováveis



Fonte: Bella Tozini (2021)

“O fotolivro Corpes Prováveis é um corpo vivo, a ser sentido e desvendado, com múltiplas camadas, tamanhos e direções” (TOZINI, 2020, p.1.). Como percebido

nas figuras acima, o fotolivro é composto por 3 elementos, a caixa (internamente também um produto fotográfico), as lâminas fotográficas soltas, que permitem disposições ímpares de leitura (como abertura em 180° ou mais), a depender dos intuitos de quem contempla e lê as imagens; além do livreto com textos de Bella Tozini, Sylvia Furegatti, Gilberto Alexandre Sobrinho e as entrevistas com as pessoas retratadas, que podem ser ouvidas também no canal do Youtube do projeto⁵.

Percebe-se neste “foto-livro-objeto” (FUREGATTI, 2021, p.2), a proposta por experiências expandidas de leitura, pois não enrijece ou impõem formas únicas de contemplação/leitura, trazendo uma fruição de leitura que dialoga em diversos aspectos com a humanidade dos livros. Uma publicação independente afeita a eventos, como foi demonstrado na descrição das ações que compõem Corpes Prováveis, dada suas características de expansão de possibilidades, um compêndio de saberes e fazeres que a tornam explicitamente um produto bibliodiverso.

Cabe debater que é prática comum a compra de publicações independentes, neste caso fotolivros, diretamente com artistas, ou mesmo em livrarias/espços artístico-culturais especializados. Recobrando os vértices supracitados por Carrión, vale comentar a importância de comprar em livrarias, para fomentar pontas dessa rede. Logo Bella comercializa Lacração e Corpes Prováveis em seu site⁶, assim como em espaços especializados, caso da Casa Amarela⁷, em Jundiaí, e Lovely House⁸, na cidade de São Paulo.

4.2 Ações da Balaio

A seguir encontrar-se-á um relato de experiências, com informações que partem das vivências da equipe de produção da Balaio e demais pessoas convidadas a integrar a equipe técnica. Uma entrevista, disponível no Instagram⁹ do projeto ou no YouTube¹⁰, no Canal Locomotiva Produção Cultural, demonstra algumas destas

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCS4AJiUr3nZaNixT-fPcUzg>

⁶ Disponível em: <https://bellatozini.myportfolio.com>

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/casaamarelajundiai/>

⁸ Disponível em: <https://lovelyhouse.com.br>

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/feira.balaio/>

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ufHnCojdoNA&t=10s>

experiências ao público interessado em conhecer os bastidores do projeto, com ênfase em sua primeira ação, uma feira virtual adaptada a realidade com COVID-19, no município de Várzea Paulista.

A criação do projeto nasceu de pesquisas e interesses comuns de Luan Vitor (autor deste trabalho) e Paula Pimenta (artista visual de Jundiaí – SP) em 2019 – na verdade, fruto de experimentações da dupla em ações bibliodiversas na capital paulista. Nas palavras das pessoas supracitadas, Balaio é uma feira/curadoria/lugar de troca. Um projeto amplo que visa, de forma geral, promover, conceitual e comercialmente, o cenário das publicações independentes, com ênfase nos processos criativos e gráficos. Enquanto objetivos específicos, pretende-se ampliar o potencial pouco explorado desta cena, intuindo principalmente sua descentralização, criando um terreno fértil à mesma no interior paulista, potencializando relações entre artistas editoriais, espaços de fomento à leitura e/ou produção editorial conjuntamente ao público leitor.

Os criadores da Balaio se viam como público assíduo de eventos bibliodiversos como a Feira Tijuana, Feira Miolo(s), Feira Plana e outras na capital paulista. Isso posto, originalmente, pretendeu-se criar uma feira que permitisse a criação de um terreno fértil à ampliação de contato do público interiorano com a cena das publicações independentes – com ênfase na questão gráfica – mas também a promoção de encontros, discussões, processos formativos, criações de redes e parcerias, além de fomentar a comercialização da cena em questão no interior paulista, vendo Jundiaí (sendo a locação o Sesc Jundiaí) como o epicentro do projeto. Mediante diálogos, havia expectativas que sua primeira edição acontecesse em 2020, em meados de setembro, contudo, a chegada do COVID-19 mudou radicalmente os planos, cancelando o evento.

Passado o tempo, ainda em 2020, uma série de outras questões surgiram, trazendo novas reflexões, conseqüentemente, um outro corpo para o projeto. A partir disto, um olhar sobre a bibliodiversidade foi acrescido ao objetivo geral. Provocando o nascimento da primeira ação do projeto, em 2021.

4.2.1 Balaio: Micro feira de artes editoriais independentes

Como visto no site do Sistema Nacional de Cultura (2020), em 2020 foi promulgada a Lei Aldir Blanc, que privilegiou todo o território nacional com o

orçamento do Fundo Nacional de Cultura, permitindo a criação de editais a nível estadual e municipal. O município de Várzea Paulista promoveu, pela primeira vez, em seus mais de 50 anos de emancipação, editais para fomento artístico-cultural, nos quais o projeto que dá título a este subcapítulo foi selecionado. Balaio foi contemplado no edital de grande porte – Chamamento Público nº 007/2020, Lei Aldir Blanc – uma das categorias vigentes.

Redigiu-se todo o projeto, o que inclui desenhar as ações previstas, encontrar ficha técnica adequada, elaborar planilha orçamentária, cronograma, além de infimos detalhes burocráticos inerentes aos editais públicos. Com o montante de vinte e nove mil reais, executaram-se as ações planejadas – inicialmente, para os meses de janeiro e março, mas houve prorrogação.

Iniciando uma descrição de tais ações, expõe-se uma publicação do projeto:

A Feira doará mais de 130 publicações independentes para a Biblioteca Municipal de Várzea Paulista “Profª Zulmar Zuleika Turcatto Maraccini” e para a Biblioteca do CEU. Com a intenção de promover um encontro para artistas editoriais, editoras independentes da região e personalidades varzinas do cenário artístico-cultural, propomos criar um território fértil às trocas de saberes, um ponto de encontro para apresentação das criações e diálogo desses conceitos. Estimulando a criação de parcerias, novos produtos editoriais e mais experimentações nos hábitos de leitura de todos, todas e todos. Com curadoria da equipe do projeto, escolhemos aproximadamente 130 publicações independentes, incluindo artistas de todo o país, com foco na produção de Várzea Paulista, Jundiaí e região. Para enriquecer ainda mais essas instituições e potencializar o acesso às publicações, será feito um catálogo virtual que apresenta o novo acervo e traz reflexões a partir de textos feitos por artistas, gestores e editoras participantes [...] como parte do projeto contemplado pela Lei Aldir Blanc, gravamos uma série em #podcast com algumas das pessoas que vivem o mundo da publicação editorial independente [...] (SOUZA, 2021, n.p.).

Além das ações supracitadas, há também uma palestra virtual. Agora esmiuçando as ações encontramos a Curadoria Editorial Independente; Criação de Catálogo e Doação ao Acervo Público. Como dito anteriormente, foram mais de 130 publicações selecionadas pela equipe curatorial do projeto, coordenada por Luan Vitor. A aquisição das publicações foi juridicamente viável – lembrando que a compra fazia parte de um edital público – graças ao apoio das livrarias Casa Amarela, Cheiro de Livro, Banca Tatuí e Lovely House. Pretendeu-se com essa curadoria abordar diversos aspectos do cenário editorial independente, fosse através da materialidade ou poética (certas vezes profundamente interligadas), provocando hábitos de leitura menos convencionais (caso de obras como Aomoço, Reza, DULCINÉIA, Corpes

Prováveis etc.). Observando os vértices apontados por Carrión (2020, p.16), com tal ação foi possível abraçar 3 das pontas deste: editoras (e artistas), livrarias e bibliotecas públicas – sem falar nas não citadas distribuidoras, figuras também importantes e presentes no cenário editorial. Além do importante miolo deste quadrado, o público leitor.

A curadoria dá o tom, trazendo corpo as possibilidades apresentadas ao público. O catálogo traz provocações, pois é recheado com textos curtos, porém contundentes, sobre o que se encontra na curadoria. Também incita hábitos incomuns de leitura, como a leitura de fotografias em fotolivros ou mesmo a materialidade da publicação, o que em alguns casos, é também seu conteúdo. Tudo isso tendo como epicentro as bibliotecas, onde todas as potências dessas relações são encontradas pelo público, criando uma Balaio para cada visitante, que ainda pode levá-la para casa, seja emprestando alguma publicação e/ou interagindo com o conteúdo digital.

Uma vez percebida a necessidade de ampliar as relações entre artistas, espaços e o público, cria-se a Balaiada, o podcast da Balaio, um espaço de diálogo interessado em expandir a percepção do público sobre a cena em questão, provocando artistas a exporem seus processos, procedimentos e pormenores técnicos, conceituais e afetivos de sua produção.

Terceira ação é a vídeo palestra Por Que Publicar Seu Livro. Intuindo atingir de forma mais profunda artistas editoriais, encomendou-se uma palestra virtual com o criador e curador da Casa Amarela, uma residência da bibliodiversidade em Jundiáí.

Ressaltando a importância da materialidade para esta pesquisa, manifesta nas publicações e experiências experimentadas em eventos bibliodiversos, exemplo da Balaio, que mesmo tendo uma edição virtual, previu frutos futuros que podem ser aproveitados no presencial. Abaixo as figuras 11 a 16¹¹ exibirão alguns detalhes registrados por Stella Pinheiro, da Abertura Foto para ilustrar mais complexamente a já referenciada humanidade nos livros, corroborada por eventos.

¹¹ Infelizmente, com a biblioteca fechada pela ausência da contratação de profissionais por parte da gestão pública, a entrega aconteceu em um depósito, onde os livros permanecerão lacrados até 2022.

Figura 11. Acervo Balaio a ser destinado à Biblioteca



Fonte: Acervo do autor

Figura 12. Organização do acervo a ser destinado à Biblioteca



Fonte: Acervo do autor

Figura 13. Jornal Social Cultural em edição especial feita para a Balaio



Fonte: Acervo do autor

Figura 14. Leitura de relatos de artistas e editoras



Fonte: Acervo do autor

Figura 15. Gravação de vídeo-entrevista com Marcela Vanzan



Fonte: Acervo do autor

Figura 16. Entrega/doação do acervo à Biblioteca



Fonte: Acervo do autor

O contexto com COVID-19, agravado pela ausência de políticas públicas consistentes no Brasil, trouxeram perdas consideráveis a toda sociedade. Sob uma ótica mais pontual, para a equipe de produção do projeto, promover uma ação de fomento à leitura sem nenhum contato presencial com o público, e pouquíssimo contato até mesmo com a equipe técnica, foi uma enorme perda. Contudo, vista a impossibilidade de uma ação em que houvesse aglomeração de pessoas para interação, projetou-se expor ao público interessado alguns pormenores do projeto,

também as relações/impressões da produção aquela altura veiculando duas vídeo-entrevistas¹² com parte da equipe ao fim das ações desta edição.

4.2.1.1 Casa Amarela, promotora de ações de fomento à leitura

A Casa Amarela, com sede em Jundiaí, é uma parceira fundamental do projeto descrito. Trata-se de uma residência para a bibliodiversidade no Aglomerado Urbano de Jundiaí. As informações a seguir foram extraídas, principalmente, a partir de conversas entre o diretor do projeto, Gustavo Diniz, e o autor deste trabalho, livreiro e gestor/produtor de projetos artístico-culturais no empreendimento de 2018 até meados de outubro de 2021, pode-se consultar o resultado de algumas destas conversas no site, Instagram e blog da empresa¹³. Contudo, encontrar-se-á mais informações no e-book POR ACERVOS LITERÁRIOS BIBLIODIVERSOS doação de livros para Biblioteca Municipal Prof. Nelson Foot, de 2021.

A Casa Amarela não só apoia a Balaio desde sua concepção, em 2019, como foi responsável por alimentar o desejo de tornar o projeto realidade. Fornecendo arcabouço teórico, jurídico e conceitual, com toda sua vivência no mundo editorial, trouxe nutrientes para Balaio, e para tantas outras iniciativas região adentro. Um importantíssimo espaço de resistência e promoção artístico-cultural.

Como comenta Souza (2021), a Casa Amarela, atuante há 5 anos, está localizada no Centro Histórico da cidade de Jundiaí. É livraria bibliodiversa, parceira de mais de uma dezena de editoras, além de artistas editoriais independentes. É *coworking*¹⁴ e espaço para produções artístico-culturais, abrigando dezenas de projetos próprios, além das mais de 400 propostas, com mínimo de duas centenas de proponentes parceiros. Assim como viabilizou o varejo e prestação de serviços correlatos para empreendimentos como o Núcleo Doze (arte-educação), Espaço

¹² Disponível em: www.instagram.com/feira.balaio/

¹³ Disponível em: www.locomotivaproducoes.com.br

¹⁴ Espaço onde múltiplas/es/os profissionais e empreendimentos dividem infraestrutura geral, seja física ou virtual, em alguns casos, ambos. Grosso modo, é um espaço que mescla de forma não linear, uma vez que cada coworking trabalha a seu modo, alguns parâmetros da economia compartilhada e colaborativa. A equipe de comunicação da Quê Colab desenvolveu um material acessível que traz maior delineamento a questão, disponível em: https://www.instagram.com/p/CSchiUNACKM/?utm_source=ig_web_copy_link

Capim (ateliê voltado as artes visuais e projetos de ambientação), Prime Educacional (educação para tecnologias computadorizadas) entre outros.

Algo que se pode concluir sobre a Casa Amerela é sua intrínseca – mas também explícita – essência protetora da bibliodiversidade, propulsora de vezes e vozes artístico-culturais regionais, além do desejo de criar um terreno fértil à esta produção, historicamente marginalizada, encontrando maneiras de seguir em frente, e em diálogo, conjuntamente a demais atuantes nesta cena.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber que o livro, enquanto objeto, está no centro do cenário editorial convencional e independente, uma vez que as relações ramificadas de tal tecnologia são extremamente importantes para a longevidade desta. O livro convencional é pautado por condutas e regras determinadas por entidades como a BN e CBL. Enquanto a produção editorial independente se permite extrapolar padrões estabelecidos, experimentando outras possibilidades em seus procedimentos e processos, como visto nas publicações DULCINÉIA, Aomoço, Reza e Corpes Prováveis. Ainda assim, dada a heterogeneidade do independente, encontra-se quem, tal qual o convencional, siga algumas, ou até mesmo todas, as regras colocadas pelas instituições representativas e outras pontas na cadeia produtiva.

Interessante apontar que as exigências editoriais sugeridas pela BN, CBL e outras trazem um importante benefício, uma garantia de manutenção e resguardo memorial dos saberes e fazeres das publicações a longo prazo, pois é possível resgatar qualquer conteúdo registrado, em qualquer tempo. Além de dar novo fôlego, republicando, por exemplo. O resguardo memorial é uma importante característica do convencional, mas que não foi compartilhada pelo independente de outrora, caso de muitas zines etc. principalmente em resposta a dificuldade de acesso aos aparatos jurídicos oferecidos pelas instituições supracitadas. Hoje, porém, encontra-se uma outra realidade, muito mais facilitada graças a CBL.

Artistas editoriais e editoras independentes hoje resguardam, de forma mais ampla sua produção para posteridade. Corpes Prováveis tem ISBN, Ficha catalográfica e os textos em seu livreto segue alguns aspectos sugeridos pela ABNT, isso demonstra que, mesmo escapando das normas que compõem o livro comum no imaginário popular, ferramentas para salvaguarda memorial foram assumidas pela autopublicadora.

Pelo relato da artista Bella Tozini, percebeu-se que é possível encontrar maneiras de resguardar a produção independente a longo prazo, pois seus dois fotolivros foram registrados na BN e fazem parte de acervos literários públicos e privados, além de figurarem no mundo digital. Outra interessante ação acontece na Miolo(s), pois cada editora/artista participante deve doar ao acervo da Biblioteca Mário

de Andrade (BMA), em São Paulo – SP, ao menos uma publicação de seu catálogo. Isso vêm permitindo, ao longo de suas 9 edições, a construção de um importante acervo de publicações não oficiais para posteridade, uma ação sem precedentes que certamente contribui para a ampliação de um cenário editorial bibliodiverso em nível nacional, quiçá até internacional, vista a visibilidade global da BMA.

Apesar da relevância da materialidade para uma leitura ritualística, amplamente valorizada pela publicação independente, o digital é outra importante ferramenta de resguardo memorial. Esta cena se organizou e articulou a criação de uma consolidada teia em forte expansão, acessível em redes sociais e sites, promovendo a memória de zines sem ISBN, fotolivros não catalogado etc. Caso dos grupos no Facebook, perfis em Instagram, abas nos sites de instituições públicas e privadas, até empreendimentos como a plataforma A Praça¹⁵, criada em 2021, um *bureau* de negócios, autogestionado, compartilhado e colaborativo – grosso modo, um *coworking* virtual, para a edição independente de todos os portes, principalmente a autopublicação.

Ambos os cenários editoriais têm por meta sustentabilidade econômica (cabe dizer que há exceções, encabeçadas por micro editoras). Constata-se que o viés altamente comercial que permeia o livro convencional dificulta uma fuga do padrão comum para o objeto livro. Quando muito, se permite saídas gráficas interessantíssimas, caso de livros como Enciclopédia Negra¹⁶, um belo livro, contudo, não incentiva exercícios incomuns de leitura, uma vez que segue à risca padrões editoriais, tal qual explicitado na figura 1. Ou seja, um belo objeto editorial, mas dentro do que está estipulado enquanto lugar comum para este.

Ainda observando grandes editoras, agora internacionais, vê-se algumas publicações que seguem as normas, mas desenvolvem objetos editoriais incríveis, que propõem experimentações na leitura, mesmo produzindo em grande escala. Caso de Maison Martin Margiela¹⁷, da Rizzoli Publications (com sede na cidade de Nova York, nos Estados Unidos). A publicação com capa branca em tecido, e alto relevos também brancos, mescla ao menos dez tipos diferentes de papéis, com miolo em

¹⁵ Disponível em: <https://apraca.com.br>

¹⁶ Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=14884>

¹⁷ Disponível em: <https://www.rizzoliusa.com/book/9780847831883/>

tamanhos e técnicas de acabamento variados, além de detalhes na diagramação e a exorbitante presença de marca páginas feitas com o mesmo tecido da capa dispostos em todo o livro.

Isso demonstra ser possível experimentar, independente do porte da editora. Contudo, diferente do Brasil, o cenário em países onde as políticas do livro estão mais consolidadas, pode-se pensar que são permitidas maiores experimentações, uma vez que a exposição a riscos tende a ser exponencialmente menor.

É viável refletir que um livro comum permite a redução de custos em toda a cadeia produtiva, consequência dos moldes industriais dados para a produção de altas tiragens. Propor modelos alternativos, caso de Corpes Prováveis, Aomoço e outras, encarece a produção, o que abre caminhos para uma cadeia produtiva alternativa, preparada por e para o independente, com baixas tiragens.

A diversidade vem sendo constantemente ameaçada mundo adentro, por razões diversas, mas a colonização das mentes com um padrão hegemônico eurocêntrico, como demonstrado pelos números trazidos por Publicadores e Dalcastagne em capítulos anteriores, é de longe a principal ameaça. O livro – convencional e independente - produto capitalista por excelência, infelizmente representa essa mazela social, e a corrobora. É preciso manter atenção quanto alguns parâmetros presentes em toda a cadeia produtiva do livro, pois é pouco representativa, daí a necessidade das ações em defesa da bibliodiversidade vistas neste trabalho, sustentadas fortemente pela promoção de eventos, e consequente relacionar-se.

A bibliodiversidade é resposta e uma das soluções do problema. Está evidenciado que a autopublicação e publicação independente apresenta maior tendência à bibliodiversidade, uma vez que uma entidade, o Colectivo Editores Independientes de Chile, trouxe vida conceitual e prática ao conceito. Fruto disso, vê-se grandes editoras (leia-se conglomerados editoriais convencionais) consolidando metas que visam ampliar representatividade social em toda sua estrutura.

O movimento é jovem, e carece de maior visibilidade e suporte da iniciativa pública e privada. Implementar o conceito em políticas públicas e na cultura organizacional de empresas é imprescindível para garantir sua longevidade, e principalmente, eficácia a curto e longo prazo em sua aplicação. Ações como a Lei Castilho e Lei José Xavier Cortez (em tramitação) em nível nacional. O projeto

Madalena Caramuru: Etapa 2¹⁸, atuante em nível estadual em Goiás. O PMLLLB do município de São Paulo. A recente criação do Conselho de Diversidade e Inclusão, em 2019, e o cargo Editor de Diversidade, em 2020, como política de cultura organizacional na Companhia das Letras. Todas essas, e outras mais a serem levantadas, são brotos do que se plantou no Chile em meados de 1990. Brotos que ainda podem se tornar um ecossistema sustentável, benéfico a sociedade.

É adequado dizer que eventos representam uma parcela considerável das ações concretizadas por grandes, médias, pequenas e micro editoras em busca desta meta. Avistam-se atividades publicitárias, festas para lançamentos de livros e projetos, vernissages, palestras, oficinas, rodas de conversa etc. estão no amplo leque de eventos.

Notadamente a rubrica feira do livro é protagonista para todas as pessoas e empresas presentes em qualquer cena editorial, sendo um macro evento que engloba todos os micros eventos citado no parágrafo anterior. Seja Bienal do Livro de São Paulo ou Feira Plana, ambas a 'maior feira latino-americana do livro', cada qual em seu segmento; ou a regional Balaio, as feiras são inegavelmente a maior ferramenta para propagação editorial, corroborada cotidianamente por livrarias, espaços culturais e outros.

Eventos alimentam a cadeia produtiva do livro de formas interessantíssimas, sendo um espaço de convivência e conveniência para negócios, debates, exposições e o que mais couber aquele momento, que é único em cada feira, ou em cada edição da mesma feira. Se essa afirmação é verdade mesmo para o mercado editorial convencional, para a produção independente parece quase imprescindível, pois funciona como um motor que põe em movimento a bibliodiversidade consonante à diversidade cultural.

¹⁸ Relatório final do projeto disponível em PDF no endereço: https://drive.google.com/file/d/18_JxIHJsTPojrwcwS27qppEigsxZEmP0/view

REFERÊNCIAS

V SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 5., 2017, Campina Grande. **O Conceito de Cisgeneridade e a Produção de Deslocamentos nas Políticas Feministas Contemporâneas**. Campina Grande: Editora Realize, 2017. 10 f. Disponível em:

https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA2_ID903_17072017205519.pdf. Acesso em: 20 nov. 2021.

ALLIANCE INTERNATIONALE DES ÉDITEURS INDÉPENDANTS (França) (org.). **Declaração Internacional de Editores e Editoras Independentes de 2014**: Para Juntos Mantermos Viva e Fortalecermos a Biodiversidade. 2014. Disponível em:

https://www.allianceediteurs.org/IMG/pdf/declaracao_internacional_de_editores_e_editoras_independentes_2014_port-3.pdf. Acesso em: 31 ago. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS . **NBR 6029**: informação e documentação - livros e folhetos - apresentação. 3 ed. ABNT. Rio de Janeiro. 2002. 9 p. Disponível em: http://www.cct.udesc.br/arquivos/id_submenu/203/nbr_6029.pdf. Acesso em: 18 nov. 2020.

AULA PÚBLICA: Biodiversidade. São Bernardo do Campo: Rede Tvt, 2016. (23 min.), son., color. Série 4ª temporada. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OGty3hPFkp0>. Acesso em: 23 ago. 2021.

BALAIADA #1 - Produção de eventos a partir de processos de autopublicação - Bella Tozini. Entrevistada: Bella Tozini. Entrevistador: Luan Vitor. Várzea Paulista: 26 mar. 2021. Podcast. Disponível em: <https://anchor.fm/balaiadas/episodes/Balaiada-1---Produo-de-eventos-a-partir-de-processos-de-autopublicao---Bella-Tozini-et6fbt>. Acesso em: 21 out. 2021.

BALAIADA #3 - Travestilidade no cenário editorial independente - Vicenta Perrota, Rafa Kennedy e Antonia Moreiras. Entrevistadas: Vicenta Perrota, Rafa Kennedy, Antonia Moreiras. Entrevistador: Luan Vitor. Várzea Paulista: 26 mar. 2021. Podcast. Disponível em: <https://anchor.fm/dashboard/episode/eta3kd>. Acesso em: 21 out. 2021.

BIENAL VIRTUAL DO LIVRO DE SÃO PAULO. Site 1ª Bienal Virtual do Livro de São Paulo. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.bienalvirtuallsp.org.br>. Último acesso em: 18 de novembro de 2020.

CARRIÓN, Jorge. **Contra Amazon**: e outros ensaios sobre a humanidade dos livros. São Paulo: Elefante, 2020. 304 p. Tradução Reginaldo Pujol Filho & Tadeu Breda.

CBL. **Agência Brasileira do ISBN**. Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.cbldados.org.br/isbn/>. Último acesso em: 7 de maio de 2020.

CBL. **Texto Institucional da Câmara Brasileira de Livros**. Brasil, 2016. Disponível em: <http://cbl.org.br>. Último acesso em: 18 de novembro de 2020.

COMO CHEGAMOS À MAIOR CRISE DO MERCADO EDITORIAL?. Realização de Salão do Livro Político. São Paulo: 6º Salão do Livro Político, 2021. (121 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6kNqK6XZ5L4>. Acesso em: 4 out. 2021. Acesso em: 4 out. 2021.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Quem pode fazer literatura, afinal?** 2015. Elaborado para Opera Mundi. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/samuel/40569/quem-pode-fazer-literatura-afinal>. Acesso em: 22 set. 2021.

DO AUTOR AO LEITOR: o passo a passo da produção de um livro. Produção de Editora Seguinte. São Paulo, 2016. (2 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2bpZGRaXgbQ>. Acesso em: 21 out. 2021.

EDITORA ELEFANTE. **Sobre**. Brasil, 2021. Disponível em: <https://elefanteeditora.com.br/sobre/>. Acesso em: 12 mar. 2021.

EMBRAPA. **Conceitos e Normas Editoriais da Linha de Produtos Editoriais Embrapa**. Brasil, 1998. Disponível em: <https://www.embrapa.br/manual-de-editoracao/linhas-de-produtos-editoriais>. Último acesso em: 18 de novembro de 2020.

EMBRAPA. **Manual de editoração da Embrapa: Livro Impresso**. Brasil, 1998. Disponível em: <https://www.embrapa.br/manual-de-editoracao/livro-impresso/estrutura-do-livro-impresso>. Acesso em: 7 de maio de 2021.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Texto Institucional sobre direitos Autorais**. Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/servicos/direitos-autorais>. Último acesso em: 18 de março de 2021.

FUREGATII, Sylvia. **Corpes Prováveis**. In: A Fotografia de Bella Tozini: Quando o Corpo de Obra Convoca os Corpes de Nossa Atualidade. Cabreúva: 2021.

HONORIO, Thiago. **DULCINÉIA**, São Paulo: Dulcinéia Catadora. Disponível em: <http://www.dulcineiacatadora.com.br/livros-e-artistas-books-and-artists/Thiago-Honorio>. Acesso em 21 out. 2021.

IMPRESSÃO MINHA. Direção de Daniel Salaroli, Gabriela Leite, João Rabello. São Paulo: Peripécia Filmes; Avocado Edições, 2020. 1 vídeo (27 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2RpFiZPxCEA&t=3s>. Acesso em: 5 mar. 2021.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (Brasil). **Povos Indígenas no Brasil: 2001/2005**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2001. 879 p.

JINKINGS, Ivana. **Salão do Livro de Paris**. 2006. Elaborado para Carta Maior. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Salao-do-livro-de-Paris/12/9791>. Acesso em: 22 set. 2021.

LEMOS, Bernardo; JOIA, Luiz Antônio. **Fatores relevantes à transferência de conhecimento tácito em organizações**: um estudo exploratório, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/gp/v19n2/v19n2a01.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2020.

LIGA BRASILEIRA DE EDITORAS (Brasil). **Quem Somos**. 2021. Disponível em: <https://libre.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 4 out. 2021.

LUAN VITOR SILVA DE SOUZA (org.). **Por Acervos Literários Bibliodiversos**: doação de livros para biblioteca municipal prof. nelson foot. Jundiaí: Locomotiva Produções, 2021. 156 p. Disponível em: https://issuu.com/locomotiva_producoes/docs/por_acervos_liter_rios_bibliodiversos. Acesso em: 21 out. 2021.

MENEZES, Raquel. Bibliodiversidade e democracia. 2018. Elaborado para Publishnews. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2018/02/16/bibliodiversidade-e-democracia>. Acesso em: 22 set. 2021.

MUNIZ JÚNIOR, José de Souza. Girafas e bonsais: editores independentes na Argentina e no Brasil (1991-2015). 2016. 293 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Cap. 3.

NETO, Leonardo (Brasil). Colunista Publishnews. **Companhia das Letras lança manifesto público a favor da diversidade**. 2020. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2020/07/29/companhia-das-letras-lanca-manifesto-publico-a-favor-da-diversidade>. Acesso em: 22 set. 2021.

PERIPÉCIA FILMES. Impressão Minha. São Paulo, 2020. Disponível em: <http://peripecia.com.br/realizacoes/impressao-minha/>. Acesso em 14 de maio de 2021.

POR QUE PUBLICAR O SEU LIVRO?. Direção de Luan Vitor. Produção de Balaio. Realização de Balaio. Roteiro: Gustavo Diniz de Faria. Música: Pedro Calzoli. Jundiaí: Glória Dalva Produções Artísticas, 2021. (41 min.), son., color. Legendado. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CNGSVJUgNuU/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 14 maio 2021.

PORTAL ISO. **ISO 5589**. Estados Unidos, 2021. Disponível em: <https://www.iso.org/standard/5589.html>. Último acesso em: 18 de novembro de 2020.

REDAÇÃO PUBLISHNEWS (Brasil). **Planetário do Rio recebe Mini Primavera dos Livros**. 2021. Disponível em:

<https://www.publishnews.com.br/materias/2021/11/19/planetario-do-rio-recebe-mini-primavera-dos-livros>. Acesso em: 20 nov. 2021.

RODRIGUES, Ricardo. **Aomoço**. Canoas: Experimentos Impressos. 2020.

Disponível em: <http://www.experimentosimpressos.com.br/pd-814892-aomoco.html?ct=&p=1&s=1>. Acesso em 21 de out. 2021.

RODRIGUES, Ricardo. **Autopublicação**. 2. ed. Canoas: Experimentos Impressos, 2019. 110 p.

SAEL (São Paulo). Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. **Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca**. 2015. Disponível em:

<https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/sala-e-espaco-de-leitura/pmlllb/>. Acesso em: 22 set. 2021.

SANTANA, Letícia; MOREIRA, Renata; COUTINHO, Samara (org.). **Cartografias da Edição Independente**. 2021. Disponível em: <https://www.letras.bh.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/193/2021/07/Cartografias-da-Edição-Independente.pdf>. Acesso em: 22 set. 2021.

SECRETÁRIA DA CULTURA DO CEARÁ. **Bienal do Livro atrai mais de 450 mil visitantes e movimentou R\$ 9,6 milhões**. Ceará, 2019. Disponível em:

<https://www.secult.ce.gov.br/2019/08/25/bienal-do-livro-atrai-mais-de-450-mil-visitantes-e-movimentou-r-96-milhoes/>. Último acesso em: 23 de novembro de 2020.

TAG LIVROS. **Quais são as partes de um livro?**. Brasil, 2018. Disponível em:

<https://www.taglivros.com/blog/quais-sao-as-partes-de-um-livro/>. Acesso em: 7 de maio de 2021.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS (Brasil). **Homepage SNEL: Quem Somos**. 2021. Disponível em: <https://snel.org.br/o-snel/quem-somos/>. Acesso em: 4 out. 2021.

Sistema Nacional de Cultura. **Lei Aldir Blanc**. 2020. Disponível em:

<http://portalsnc.cultura.gov.br/auxiliocultura/>. Acesso em: 8 nov. 2021.

SOUZA, Luan Vitor Silva de (org.). **Catálogo de Publicações Independentes da Balaio**. Várzea Paulista: Locomotiva Produções, 2021. 90 p. Disponível em:

https://issuu.com/locomotiva_producoes/docs/catalogo_oficial. Acesso em: 23 ago. 2021.

SOUZA, Luan Vitor Silva de. Formatos Experimentais. In: SOUZA, Luan Vitor Silva de (org.). **Catálogo de Publicações Independentes da Balaio: bibliodiversificação do acervo em várzea paulista**. Várzea Paulista: Locomotiva Produções, 2021. p. 40-41. Disponível em: https://issuu.com/home/published/catalogo_oficial. Acesso em: 14 maio 2021.

Szpilbarg, D.; Saferstein, E. A. (2012) **El espacio editorial "independiente" : heterogeneidad, posicionamientos y debates: Hacia una tipología de las editoriales en el período 1998-2010 [en línea]**. Primer Coloquio Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición, 2012, La Plata, Argentina. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.1955/ev.1955.pdf. Acesso em: 7 maio. 2021.

TALITA FACHINI (Brasil). Redatora Publishnews. Lei do Preço Fixo passa a se chamar Lei José Xavier Cortez. 2021. Disponível em: <https://mobile.publishnews.com.br/materias/2021/10/15/lei-do-preco-fixo-passa-a-se-chamar-lei-jose-xavier-cortez>. Acesso em: 18 out. 2021.

TENDA DE LIVROS (São Paulo). **Projeto Publicadores**. 2016. Disponível em: <https://projetopublicadores.wordpress.com>. Acesso em: 18 out. 2021.

THE NIELSEN COMPANY (Brasil). **PRODUÇÃO E VENDAS DO SETOR EDITORIAL BRASILEIRO**: agosto 2021. Cotia: The Nielsen Company, 2021. 16 p. Disponível em: https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2021/09/Paper_Producao_e_Vendas_anobase2020.pdf. Acesso em: 4 out. 2021.

TOZINI, Bella. **Corpes Prováveis**. 1. ed. Cabreúva, SP: Ed. da Autora, 2021.

TOZINI, Bella. **Corpes Prováveis**. 2021. Disponível em: <https://bellatozini.myportfolio.com/publicacoes>. Acesso em: 21 out. 2021.

UNESCO. **Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural**. 2001. Disponível em: 31ª Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação. Acesso em: 17 out. 2021.

VIEIRA, Leonardo. Reza. Salvador: A Margem; Press. Disponível em: <https://www.amargempres.com.br/product-page/reza>. Acesso em 21 out. 2021.